

Pajubá, um dialeto pluriversal: hipóteses de língua de acolhimento

“Pajubá, a Pluriversal Dialect: Hypotheses of a Host Language”

Amanda Moreira Tavares¹

Universidade Federal de Goiás

Adonis Batista Neres²

Universidade Federal de Goiás

Resumo: Este artigo discute a existência de outras comunidades de fala no Brasil como potentes marcadores de existências epistemológicas, além da língua portuguesa brasileira (PB), incluindo o pajubá, um dialeto que surge com raízes no iorubá, atrelado às hipóteses de língua de acolhimento. Questiona também o estigma em relação a outras possibilidades de falar brasileiro e argumenta que é preciso trazer o centro de atenção às vidas marginalizadas para desalinhar a rota traçada pelo viés euro-colonial-cristão que, de forma estruturante, margeia corpos cuja a forma de falar e estar no mundo é no subespaço. O objetivo do trabalho é trazer ao diálogo acadêmico a construção dialetológica do pajubá enquanto língua de acolhimento e versar algumas variações morfológicas e semânticas deste dialeto com base no “Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense”. Assim, o trabalho foi desenvolvido utilizando uma abordagem de caráter qualitativo baseado na interpretação e tem como principal objetivo o processo e seu significado.

Palavras-chave: Pajubá. Língua de acolhimento. Dialeto. Corpos marginalizados.

Abstract: This article discusses the existence of other speech communities in Brazil as potent markers of epistemological existences, beyond Brazilian Portuguese (PB), including Pajubá, a dialect that emerges with roots in Yoruba, linked to the hypotheses of a host language. It also questions the stigma regarding other possibilities of speaking Brazilian and argues that it is necessary to bring attention to marginalized lives to realign the path traced by the Euro-colonial-Christian bias that structurally marginalizes bodies whose way of speaking and being in the world is in the subspace. The aim of the work is to bring to academic dialogue the dialectological construction of Pajubá as a host language and to discuss some morphological and semantic variations of this dialect based on the “Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense”. Thus, the work was developed using a qualitative approach based on interpretation and its main objective is the process and its meaning.

Keywords: Pajubá. Host language. Dialect. Marginalized bodies.

Recebido em 2 de fevereiro de 2024.

Aprovado em 22 de julho de 2024.

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. E-mail: amanda_moreira@discente.ufg.br

² Mestrando em Estudos Linguísticos, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. E-mail: adonis.neres@discente.ufg.br

Introdução

E disse: “*Cuidado que os alibãs estão nas proximidades*”. Os vestígios enunciados nas primeiras impressões desta introdução deixam o interlocutor reflexivo em relação à lógica estruturada pela língua portuguesa [brasileira]. Apesar da homogeneidade do PB (português brasileiro), coexistem outras comunidades de fala menos prestigiadas e/ou historicamente subalternizadas. Para as *travas* (travestis), os policiais [aparelho de força estatal] são chamados de *alibãs*. Há estranheza no molde apresentado, pois os parâmetros linguo-sociais severamente interpuseram uma série de dicotomia[s] binária[s]: *homem/mulher, alto/baixo, magro/gordo, cristão/ateu*, e assim se seguem outras formas de apagar a existÊNCIA outra. Labov (1972) diz que o contexto social é um fator necessário para a definição de língua que, tão logo, acompanhado a outros aspectos (morfológicos, sintáticos, semânticos e fonológicos) contribuem na construção de comunidade(s) de fal@.

Desobedecendo a normatividade gramatical (Marra; Rezende, 2018) que tão arduamente e, de maneira praxiológica, é reverberada ano após ano na sala de aula de linguagens (anos iniciais, anos finais e ensino médio), a língua resistente, no caso, aquela que surge como inquietação da margem em relação à língua [única] imposta, seja enxergada como potente válvula de escape. No Brasil, é comum professoras e professores de linguagem terem como concepção de língua apenas aquela apresentada pela norma-padrão. Aquela cobrada nos vestibulares de admissão em universidades e/ou no ENEM. Mas, antes de dialogar sobre a premissa deste trabalho, o *pajubá* [o dialeto marginal das travestis], i) por que há o estigma acerca das outras possibilidades de falar brasileiro? e ii) por que as tensões que transitam entre as comunidades de fala precisam buscar noutro espaço de linguagem(nte) a possibilidade de existir? Com essas indagações, pretendemos criar uma fricção entre o interlocutor e os parágrafos a seguir, apenas.

De maneira estereotipada, comunidades de fala ‘compartilham normas e determinações associados à classificação dos elementos variantes da língua à avaliação social a que estão sujeitos’ (Severo, 2009). Há, então, nessa relação, o sujeito que preserva uma língua de prestígio em decorrência do seu lócus social. Mas, diferente do processo de emancipação que ocorreu com a língua portuguesa em território brasileiro, o *pajubá* não tem alcance massivo, pois: i) pertence à margem, ii) tem suas raízes no iorubá e iii)

insurge como dialeto de comunidades historicamente marginalizadas. As demarcações feitas anteriormente servem para elencar alguns porquês do dialeto-língua *pajubá* [re]existir de maneira sombreada. Ainda que, embora, as menores e efêmeras mudanças sociais repercutem de maneira imediata na língua (Miotello, 2008) tal fato pouco contempla a ascensão do dialeto em discussão. Isso porque a língua portuguesa [brasileira] e seu padrão binário-normativo circulam por entre os falantes de forma identitária não a todes, mas a uma parcela da sociedade, apenas.

Assim, pensando nas *pluri* formas de trânsito da fala, este trabalho tem como objetivo trazer ao diálogo acadêmico a construção dialetológica do *pajubá* e, a partir dos resultados apresentados por Paulo Ricardo Aires Rodrigues e Karylleila dos Santos Andrade em “*Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense*”, que, ricamente, apresenta o dialeto del@s a nós, versar acerca de algumas variações morfológicas deste dialeto. Entendemos que, para que haja o estilhaçamento da máscara, pelas suas fissuras (Evaristo, 2017), é preciso trazer ao centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade (Moita Lopes, 2006) e (des)alinhar a rota traçada pelo viés colonial às vidas margeadas. Ressaltamos que um dos seres que tenciona essa discussão é um corpo *preto* e *gay* e socialmente marcado pelos estigmas hegemônicos deixados pela herança euro-colonial também traçadas na premissa deste artigo. Enfatizamos esse ponto, porque a academia rasamente emancipa o corpo preto e gay-escreviente. Tal qual as rachaduras que estilham as máscaras [de Flandres] sempre que um preto ascende nos espaços feitos e ocupados totalitariamente por pessoas não-pardas, não-pretas, não-indígenas, não-lgbtqiapn+, e/ou outre.

Compreendemos que, apesar de breve, este trabalho enuncia a realidade de uma comunidade que se adequa conforme está situado seu corpo-língua-voz-memória. Tal qual estão dispostos os padrões morfológicos à língua portuguesa [brasileira], o *pajubá* dinamiza seu processo comunicativo de modo coerente e singular. Trata-se de insurgência. O corpo na necessidade de [re]existir, aciona normas e regras próprias, recriando uma possibilidade paralela de existência (Gorski, Coelho, 2010). Assim, as próximas etapas serão fragmentadas em três partes: a primeira corresponde às hipóteses de acolhimento da língua iorubá à comunidade *trans/travesti*; a segunda compreende às exemplificações, diálogos e pressupostos metodológicos acerca do “*Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense*”; e, a terceira parte, as considerações finais.

1. O *iorubá* do *pajubá*: hipótese de acolhimento

O termo *iorubá* começa a ser disseminado de maneira massiva em território nacional por volta de 1961, conforme estudos do antigo Centro de Estudos Afro-Ocidentais da UFBA (Mendonça, 2013). É interessante pensar na região cujo o estudo acerca do *iorubá* circunda, pois, junto às evidências de Mendonça (2013), é possível compreender que a trajetória de dominação europeia-colonial dos portugueses desde sua passagem por África (superequatorial e meridional) até a chegada ao Brasil traz consigo as nações de *pluri* línguas africanas. Em diálogo à contribuição das línguas banto e sudanesa em algumas regiões aqui no Brasil, Andrade *et al.* (*apud* Mendonça, 2013, p.39) diz:

Dos sudaneses vieram as nações: jalofos, mandingas, fulos, haussás, **iorubás** ou **nagôs**, ashanti e jejes ou ewes. Foram levados, sobretudo, para a região da Bahia. Os negros **bantos** foram os angolas, congos ou cabindas, banguelas, cessanges, bângalas ou inbângalas, dembos, macuas e angicos. Os de origem **banta** predominaram na região sudeste do país: Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e também na região Norte, Pernambuco e Maranhão.

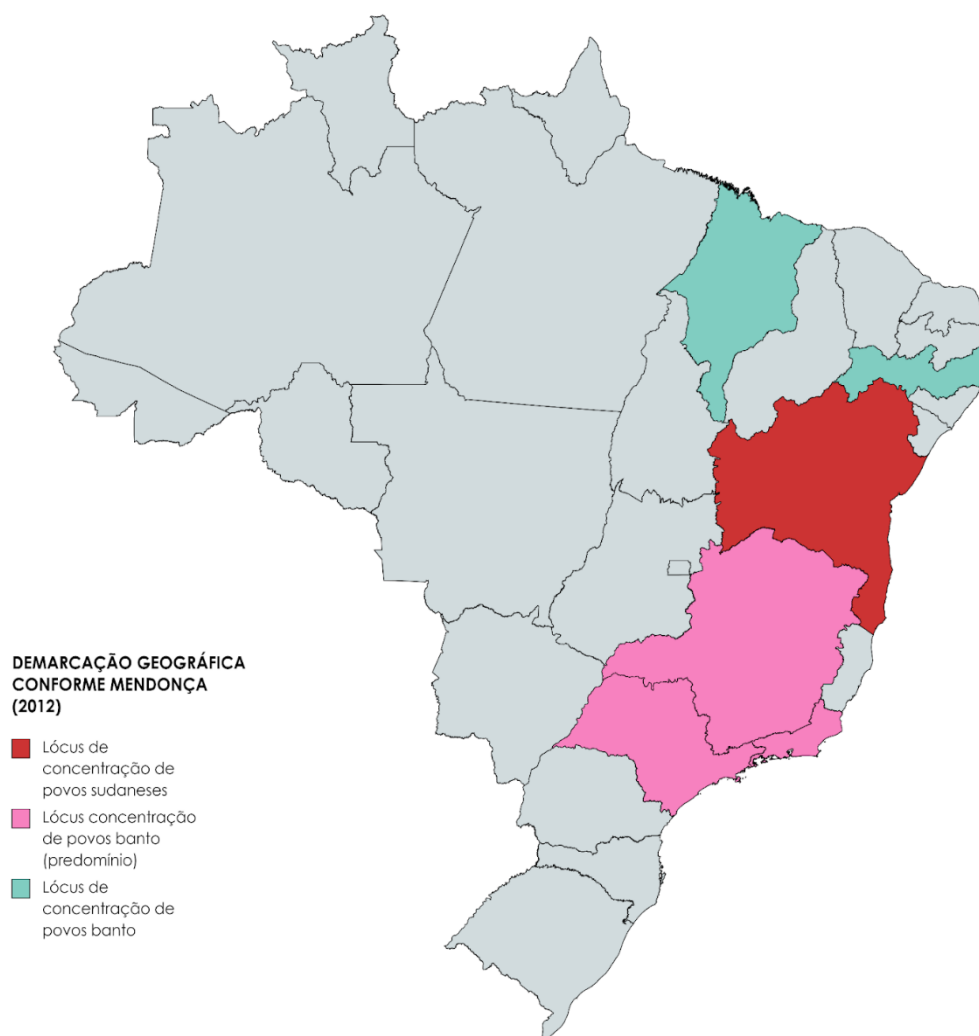
Se considerarmos que, de fato, a chegada dos portugueses ao Brasil contribuiu com a disseminação da cultura-língua enunciada nesta seção, fica evidente [também] o projeto de apagamento que esta estadia permanente causou aos povos de língua banto e *iorubá* nesse processo de dominação. E, que, as atualizações dessas ações coloniais e as “anomalias da **patriz** sistemamundo” (Almeida, 2022) foi tão cruel no passado quanto é atualmente. Brevemente, refletimos, então, que o projeto de NORTEamento euro-colonial trilhou um caminho epistemicida-institucionalizado, pois os vestígios da língua de acolhimento tornaram-se cada vez mais obsoletos e difusos.

É uma verdade incontestável sentir [reconhecer] e perceber a pluralidade linguística que compõe o Brasil hoje, que é o testemunho vívido de resistência e resiliência desses povos. Porém, na prática, somos guiados a questionar como essa (des)valorização é/foi orquestrada pelo fio do tempo, pois há uma nuance centralizada que envolve a não promoção dessas línguas e de suas comunidades de falantes. Retomamos, então, nessa observação, o corpo-matéria que é o elo ontológico entre língua

e ancestralidades (Nascimento, 2021), pegos e apagados nesse projeto de dominação diaspórico [econômico-político-religioso] que a branquitude legitima e que está anelado pelo acordo anormal estabelecido pela patriz cistemamundo (Almeida, 2022).

Assim, o mapa a seguir foi feito para pensarmos nas regiões supracitadas de maneira elucidativa e visualizar as regiões que demarcam a chegada e estadia das *pluri* línguas africanas em território nacional. É breve, porém observar a demarcação territorial por onde essas línguas transitaram é também realocar nosso imaginário para alicerçar mais ainda nossas cosmopercepções. Porque, revisitar o memorando geográfico, torna o olhar menos embaçado nessa discussão. E que tão logo faz corte à teia dialetológica que pluraliza as linhas dessa análise. Ao traçar essas rotas linguísticas, estamos não apenas mapeando a história, mas também construindo uma ponte para o entendimento cultural. Cada região marcada no mapa é um testemunho da rica tapeçaria de línguas que moldaram nossa nação. Ao seguir esses caminhos, somos lembrados da resiliência e da força das culturas africanas que resistiram e prosperaram apesar das adversidades. Este exercício de mapeamento não é apenas um ato de recordação, mas também um convite para reimaginar e redefinir nossa compreensão do passado linguístico do Brasil.

Figura 1 - DEMARCAÇÃO GEOGRÁFICA CONFORME MENDONÇA (2012)



Created with mapchart.net

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

A partir da figura, considero(amos) que as línguas africanas, estando em terra brasileira, foram dissipadas por um projeto de extermínio hegemônico e infesto. Não distante da necessidade de abrigo, chamamos o *iorubá* como língua de acolhimento, porque é nessa pluralidade marcada pela ferida colonial que as *travestis* calcam o *pajubá*. Como ato linguístico e identitário, o *calcar* é caracterizado como elo fundamental de uma comunidade [re]existindo aos processos que apagam as ancestralidades e matam as *pluri* formas de linguagem(nte). Entendemos *acolhimento* como *berço-mãe* para as *travas*, que encontram no *iorubá* o *pajubá* e, sucessivamente, espaço seguro para *transitar*.

Nessa relação de abrigo, é importante ressaltar a contribuição das variações lexicais que esse grupo étnico-linguístico proporcionou não somente às bases do

português brasileiro, mas também à cultura religiosa. Citamos, no caso, as vertentes religiosas afro-brasileiras e, mais especificamente, o candomblé: este lugar que as divindades não binarizam corpos e/ou hierarquizam corpos de maneira dicotômica, mas que ampara harmoniosamente nos processos de conhecimentos básicos e identitários. Seguimos do pressuposto que o PB no âmbito que representa o ensino tradicionalista, os eixos: i) de gênero; ii) sexualidades; iii) e as marcas que recaem nesses corpos, são considerados obsoletos para serem abordados numa sala de aula de linguagem (Neres, 2023).

1.1. Hipótese de partilha do *pajubá*

Sem ater ao descrito no início desta seção, intentamos nesta subseção dialogar acerca de hipóteses que levaram as travestis³ a encontrar no *pajubá* a fonte de segurança para *sentipensar* a fala de forma epistêmica, cultural e *sagrada*. Pois, apesar de a comunidade LGBTQIAPN+ usufruir do dialeto, a ala dessa esfera sedimentar que ratifica o *pajubá* é a *trans/travesti*. Ao passo que o recinto religioso que gira a língua de acolhimento são os *ilês*⁴, que tão logo carregam as violentas marcações da hegemonia colonial. Digo sobre a chegada turbulenta da cultura-língua-sagrada do *iorubá* no Brasil. Assim, paralelo às condições de exclusão social que vivem os corpos *travestis* e os povos de terreiros de candomblé, o *iorubá* encontra-se fortemente nas vivências das pessoas adeptas à religião (Nascimento *et al.*, 2019) e que evidenciam a aproximação desse duo por intermédio das marginalizações e vulnerabilização que o Estado legitima a insistente condição desses povos.

Nessa direção, a hipótese dialógica é que a linguagem(nte) unifica corpos-seres-mundos através de singularidades de [re]existir no mundo. E é nesta partilha de existÊNCias que visualizamos a ausência da cultura imposta euro-colonial agindo às avessas por entre a língua portuguesa [brasileira]. Ora, o apontamento dito é sobre o alarde que os conservadores da língua imposta enunciam quando em contato com o *pajubá*. Quero exemplificar que, para além da acolhida e da esfera religiosa, há o enfrentamento ao sistema falo-branco-cristão de poder que age sobre as mazelas

³ O termo *travesti* perpassa por um processo de identificação e autoidentificação mediante às marcas que o corpo *trans* foi/é condicionado pela patriz histórica colonial.

⁴ *Ilê* é a denominação *iorubá* para terreiro de candomblé.

[d]escritas e não [d]escritas nas linhas desse texto. Tencionamos, na verdade, que comunidades historicamente vulneráveis são predestinadas a viver numa **patriz** de cistemamundo (Almeida, 2022) aquém da língua que impossibilita o trânsito das *pluri* formas de fala.

Apesar da acidez que possa emanar por essas linhas, fomentamos o fato de que a união entre o *pajubá* do *iorubá* e gente são feitas a partir do ato excludente da língua vigente. E, assim, concordamos com Marra e Rezende (2018) quando friccionam a respeito da língua o seguinte:

A língua - sua estrutura gramatical e seu léxico, seus recursos de combinação e de construção/percepção de sentidos - não é machista nem feminista, nem racista nem homofóbica, embora construa efeitos que o são. A língua reflete as regras socioculturais da sociedade e constroem, fixam e sustentam valores e ideologias. Os recursos estão disponíveis, as opções que fazemos são reguladas pelas normas da sociedade e da cultura que herdamos. [...] Por isso, a gramática da língua portuguesa é uma gramática de categorias binárias, hierarquizantes, falo-heteronormativas, euro-ouvintistas, branco e grafo-centradas. O grupo social que criou, legitimou e ainda legitima a gramática normativa da língua portuguesa defende esses valores (Marra; Rezende, 2018, p. 187).

Destarte, então, fica palpável a compreensão de que o sistema-mundo [regido de forma eurocentrada] retira dos *autos* as vidas *travestis* de maneira rudimentar e as retira de seu *lócus* de formação sociocultural. Evidenciando, assim, que essa comunidade de fala perceba que o espaço afetivo de trânsito linguístico aconteça num lugar que haja também, em decorrência de algum outro aspecto, marginalização. Tal qual ocorreu com a herança linguística de origem *banto* e *iorubá*, pois, em contato o português, houve a fusão lexical de termos exponencialmente usuais, tais como: descabaçar (“*des*” = origem portuguesa + “cabaçar” = origem banto); despacho (origem portuguesa, mas equivalente à *ebó* que, lexicalmente em sentido, significa “enviar”).

O *pajubá*, assim como o *banto* e o *iorubá*, enfeitiça a língua de modo a preenche-la com “*palavras potentes que o próprio colonizador não entende*” (Santos, 2023, p. 09). Nesse processo de interação social, vislumbra-se que a linguagem(nte) em discussão, apesar do projeto de apagamento que a envolve, resiste através de vozes que ecoam dentro dos terreiros e/ou pelos corpos del@s.

2. Pressupostos metodológicos

Neste estudo, o foco das discussões é o *pajubá* enquanto língua insurgente e, como apontado no início desse trabalho, Labov (1972) compreende que, para além das necessidades estruturalistas que definem língua (aspectos morfológicos, fonológicos, sintáticos e semânticos), o contexto social é um potente fator analítico no *corpus* língua. Assim, para esta pesquisa, é crucial perceber o contexto social e cultural de um grupo através de um dialeto que emancipou sua [re]existência.

Paiva (2019) afirma que a pesquisa é uma busca sistemática por respostas para um problema, a fim de compreender melhor o mundo ao nosso redor. Logo, este trabalho foi desenvolvido utilizando uma abordagem qualitativa que, de acordo com Moresi (2003), leva em consideração a relação entre indivíduo e mundo. Reiteramos que o propósito e a subjetividade do indivíduo não podem ser expressos em termos numéricos. Trata-se, então, de uma abordagem baseada na interpretação e tem como principal objetivo o processo e seu significado.

2.1. Discussão: *dundi, ebó, penosa*

Os vocábulos que serão analisados nesta subseção pertencem ao *Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense* (2023)⁵ e foram escolhidos não de maneira aleatória, mas de maneira pragmática, trazendo nos termos também os corpos das falantes, com a intenção de versar pressupostos de significações destes termos com proximidades morfológicas do PB. Trabalho este que foi *sentipensado* e produzido pela profa. **Dra. Karylleila dos Santos Andrade** juntamente com seus orientandos de *iniciação científica* da Universidade Federal de Tocantins: Felipe Moura dos Santos Porto (PIBIC, 2012-2014), Luciana da Costa e Silva Andrade (PIBIC, 2013-2014) e **Paulo Ricardo Aires** (PIBIC, 2020-2022). Vale ressaltar que o trabalho contou com a contribuição da comunidade LGBTQIAPN+ de Palmas (TO), mas dialoga com o cosmopercepção acerca do *pajubá* que circula em outros territórios.

Para trilhar o percurso de diálogo de semelhanças entre termos do *pajubá* e aspectos morfológicos, que corroboram para a identificação do *ser*, é necessário ater-se aos elementos embrionários que constituem a *palavra*. Mobilizamos o interlocutor para

⁵ Entendemos que o *Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense* (Andrade; Rodrigues, 2023) é uma importante contribuição para a comunidade LGBTQIAPN+ de Palmas (TO) e comunidades de outros espaços. Logo, utilizamos termos desse trabalho para ecoar as partilhas de grupos de práticas sociais subalternizados.

que este possa acompanhar os traços morfológicos (classe a que pertencem os vocábulos em discussão – *substantivo e/ou adjetivo* [ver exemplos]) e semânticos (*sentido atribuído aos vocábulos em uso*). Parafraseando Saussure, Coseriu (1979) afirma que as mudanças das línguas não ocorrem estritamente ligadas ao “momento historicamente objetivo”, mas ao seu momento subjetivo (*fala*).

Assim, observamos os vocábulos *dundi*, *ebó* e *penosa*, que, em contexto de correspondência morfológica, são, respectivamente:

substantivo (S.) + adjetivo (Adj.) + adjetivo (Adj.)

E, a pensar em contextos de uso(s), os três termos estão dispostos no espaço-fala não somente das *manas* como também são enunciados pelos outros representantes da comunidade LGBTQIAPN+. Ora, atribuindo a fruição de uso aos termos em diálogo, e para melhor compreendermos os aspectos morfológicos e semânticos em estudo, vejamos os exemplos abaixo⁶:

Ex: 1 - Dundi - (S.) 1. *Homem afrodescendente*. “Ele está muito feliz com seu *dundi*”. (Andrade, Rodrigues, 2023. p. 18)

Ex: 2 - Ebó - (Adj.) 1. *Pessoa feia*. “Ela é *ebó*, mas o coração é bondoso e amoroso”. (Andrade, Rodrigues, 2023. P. 19)

Ex: 3 - Penosa – (Adj.) 1. *Gay muito feio*. 2. *Gay pobre*. “Coitada da *penosa*, ela é guerreira”. (Andrade, Rodrigues, 2023. P. 25)

O **exemplo 1** apresenta-nos um termo acompanhado de seu significado conforme atribuído pelos falantes. Nota-se, neste caso, que *dundi*, quando enunciado no espaço de interação social da comunidade *trans* e/ou LGB[T]QIAPN+, é percebido num conjunto de atribuições de sentido. Porque a utilização do *pajubá* corrobora para a construção de marca identitária e versa acerca da identidade social. Essa significação que foi previamente idealizada reverbera o fato de que, apesar do margeamento em que se

⁶ A escolha de exemplificação segue fiel aos que estão dispostos no *Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense*.

encontram esses corpos, o *pajubá* flexibiliza a possibilidade de coexistência de acordo com sua comunidade de prática (Eckert; Wenger, 2005). E, assim, recorro da hipótese da língua de acolhimento, pois, no *pajubá* há a linguagem(nte) transitando aquém dos padrões pressupostos pela língua normativa (que não compreendemos como língua descrita pela hegemonia como *padrão*, mas como àquela em uso massivo e hierarquizante). Entendemos que a língua que surge oferece *locus* epistemológico não somente de fala, mas de existência de seres que apenas coexistem pelas sombras.

O termo utilizado no **exemplo 2** integra o conjunto de empréstimos lexicais de origem africana ao português [pós travessia de dominação transatlântica] (comentados na **seção 1**). O *ebó* (no *iorubá* = 1. [S.] *oferenda*, 2. [S.] *sacrifício*) é apresentado pela comunidade de fala *trans/travesti* como adjetivo depreciativo. Chamamos atenção ao fato de que o termo *ebó* nesse processo de partilha do *iorubá* para o *pajubá* passa pela adjetivação de substantivo que, apesar de ser um fenômeno recorrente na língua portuguesa [brasileira], reflete não apenas na modificação morfológica – <*substantivo*>/<*adjetivo*> – mas também na semântica – <[S.] *oferenda*; *sacrifício*>/<[Adj.] *pessoa feia*> – e, assim, reafirma a hipótese de que o dialeto em questão usufrui de dispositivos lexicais com versatilidade similar à língua de comparação, o português brasileiro. Para além dos parâmetros comparativos, é imperioso trazer à memória de que se trata de uma sociedade de fala em curso de emancipação dialetológica.

Por fim, em “*Coitada da penosa, ela é guerreira*” o termo destacado corresponde ao **exemplo 3**. Este que é classificado como *adjetivo* e tem um radical usualmente abrangente (*ex: pen-ar, pen-a, pen-al, pen-oso e/ou pen-osa*) apresenta-nos a despreocupação binária em sua significação dicionarizada no *pajubá*. Nesse quesito, acerca do distanciamento das flexões que o termo *penar* [adjetivado] estaria sujeito no PB. Pois a norma padrão determina que os adjetivos tenham três possibilidades de flexão: em *gênero* (uniforme e biforme), em *número* (singular e plural) e em *grau* (comparativo e superlativo). Entendemos que essa reflexão é notória, mas trata-se da insurgência da linguagem(nte) resistente. Assim, na versão utilizada pela comunidade del@s, *penosa* será associada ao *gay*, porém perpassando por gêneros sem que as delimitações binárias de desinências nominais (*a; o*) influenciem na eloquência de seu uso.

Em suma, as análises elaboradas nessa seção auxiliaram-nos na compreensão sistemática de um dialeto que dispõe de elementos (des)estruturais e coesos do ponto de

vista lexical, mas que não afasta o conceito que vigora a língua: a comunidade de fala que o enuncia. Percebemos que o *pajubá* expõe o espaço de interação comunicativa das travestis e das pessoas *queer* sem rotulações ou marginalizações. É um dialeto potente e combatente, pois é a marca de identificação del@s e da gente, não centralizado, mas descentralizado das normas e interposições de vias gramaticais supressórias.

3. Considerações finais

Ao analisar o caminho percorrido pelo estudo do *pajubá* e suas hipóteses de surgimento e possíveis influências nas marcas de identidade e subjetividade da comunidade *trans/travesti* (e LGB[T]QIAPN+), chegamos às conclusões finais com considerações importantes para delinear uma pesquisa que não finda aqui. Na verdade, é um trabalho que lida com o início de uma discussão prolífica, já que observa a comunidade, mesmo sem amparo sistematizado, com a consciência da existência do dialeto que, na maioria das vezes, é tratado com hostilidade quando comparado aos padrões que sistematizam a língua portuguesa [brasileira]. Também é importante destacar que o objetivo desse estudo priorizou não determinar o *pajubá* como dialeto estático, mas como língua que transita grupo de falantes que não tiveram acesso a reparações histórias sociais, culturais, étnicos, cor/raça, identidades, sexualidades e outros que determinam poder por entre os séculos.

Ressaltamos que a construção dialetológica é um processo complexo e multifacetado, no qual indivíduos estão constantemente interagindo com diversas situações que auxiliam nessa construção. Além disso, é relevante abordar como o *iorubá*, língua [re]existente, oferece abrigo à comunidade *trans*. Dialogar sobre a hipótese de acolhimento é importante para as (minhas/nossas) pesquisa-ações vindouras. Pois, no contexto sociolinguístico, considerar a língua como elemento identitário é um fator relevante.

Por fim, destacamos que esta escrita é pertinente por sua contribuição ao conhecimento sobre os *pluri* dialetos existentes no Brasil e como esses dialetos resistem às imposições hegemônicas. Há uma crônica de Marina Colasanti sobre uma série de não-*acostumanças*. Concordamos com a exímia escritora que tais truculências diárias nos atormentam. Mas, mais atormentante ainda é ter de lidar com ranques alarmantes de

corpos trans/travestis, LGBTQIAPN+, pretos e mulheres (não nessa ordem) empilhados no chão sem vida pelo simples fato de [re]existir. Entendemos que diversos vocábulos foram apresentados nesse trabalho acompanhados de caracteres. Intencionalmente escritos de forma desconcertante, com a premissa de aguçar o questionamento do porquê, ao passo que almeja, através desse espaço, obter o reconhecimento de que as comunidades incontáveis vezes mencionadas são ricas fontes na produção de conhecimento.

Referências

ALMEIDA, Ludmila Pereira. *Comédia stand-up é coisa de preta ladina: Táticas de letramento abolicionista sob uma epistemologia Ameíricana do Humor Negro*. 2022. p.32. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação e, Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/12206/3/Tese%20-%20Ludmila%20Pereira%20de%20Almeida%20-%202022.pdf> Acesso em: 14 ago. 2023.

ANDRADE, Karylleila dos Santos; GONÇALVES, Sheila de Carvalho P.; PORTO, Filipe; SILVA ANDRADE, Luciana C. *Bajubá: linguagem de grupo LGBTT como representação sócio-histórica e cultural*. Revista desafios, v.5, n.4, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/5744>. Acesso em: 14, julho, 2023.

ANDRADE, Karylleila dos Santos; RODRIGUES, Paulo Ricardo Aires. *Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense*. Editora Scienza. São Paulo. 2023. Disponível em: <https://editorascienza.com.br/ebook/pajuba.pdf>. Acesso em: 14, julho, 2023.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. PRESENÇA. Editora da Universidade de São Paulo. Rio de Janeiro, 1979. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4406913/mod_resource/content/1/Coseriu%2C%20E.%20%281979%20%5Btrad.%2C%20Carlos%20Alberto%20da%20Fonseca%2C%20Ma%CC%81rio%20Ferreira%5D%29.%20Sincronia%2C%20diacronia%20e%20Histo%CC%81ria.%20O%20problema%20da%20mudanc%CC%A7a%20lingui%CC%81stica.%20Ca%CC%81p.%207%2C%20Sincronia%2C%20diacronia%20e%20histo%CC%81ria.%20Rio%20de%20Janeiro%2C%20Presenc%CC%A7aEDUS P..pdf. Acesso em: 11, junho, 2023.

ECKERT, Penelope; WENGER, Etienne. *Dialogue: Communities os practice in sociolinguistics*. Blackwell Publishing Ltd. 2005. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/48968300/j.1360-6441.2005.00307.x20160919-7507-dnn968-libre.pdf?1474315785=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCommunities_of_practice_in_sociolinguist.pdf&Expires=1699713887&Signature=ND5NdT2Ot-ByhamsIDlpsmOngnu-

[3KEfzXIZ6Ns8NBqHhGu-ts1td8Sed2hcPByBywjZywmd2Vo-3KWO9HzB~nGX9jnFRUGYgUv29NMtzTfR1YXbYxOKVvHIU5sFhNNmp4EAKZbth2YS5rfdTGRM9M0193g17Z3G8pto2SWHbx6R5PtM07MbvyzOPSFqRYaR5c9VTGts8-5uPy20UrojJ2xgjduPDUDjOwP2g7nZwUyUi-cY-J-DR2tZ6iSdACn42KJtY8gN29IngEI~iGMPYUO~FIGu1Z1dgP~mBFP1uZ-BjWEBjf4Nv9Y~1Ayb2Eys0E2BxhQXfcF7ePqnBBtfog &Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/#google_vignette). Acesso em: 11, agosto, 2023.

EVARISTO, Conceição. Entrevista à Carta Capital: “*Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio*”. São Paulo. 2017. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/#google_vignette. Acesso em: 11, julho, 2023.

GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. *Variação linguística e ensino de gramática*. Working Papers em Linguística, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 73-91, fev. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n1p73>. Acesso em: 11, novembro, 2023.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

MARRA, Daniel da Silva; REZENDE, Tânia Ferreira. *Desobediência linguística: por uma epistemologia liminar que rasura a normatividade da língua portuguesa*. Revista Porto das Letras, Vol. 04, Nº 01. 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/5534>. Acesso em: 11, novembro, 2023.

MENDONÇA, Abílio. *Estudo onomasiológico do vocabulário da sexualidade em falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 2013. 180 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens) - Programa de Pós Graduação em Estudo de Linguagens. Universidade do estado da Bahia, Salvador. 2013. Disponível em: http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2013/06/mendonca_abilio.pdf. Acesso em: 14 ago. 2023.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BETH BRAIT. *Bakhtin: conceitos-chaves*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5103513/mod_resource/content/1/kupdf.net_brait-beth-bakhtin-conceitos-chave.pdf. Acesso em: 11, novembro, 2023.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa*. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-108. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/sHWSdzrXP5ZFP6q5QBpZzMr/?format=pdf>. Acesso em: 11, novembro, 2023.

MORESI, Eduardo. *Metodologia da Pesquisa*. Programa de Pós-Graduação stricto sensu em gestão do conhecimento e tecnologia da informação – Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília. 2003. Disponível em: <http://www.inf.ufes.br/~pdcosta/ensino/2010-2-metodologia-de-pesquisa/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>. Acesso em: 11, novembro, 2023.

NASCIMENTO, Gabriel. *Entre o lócus de enunciação e o lugar de fala: marcar o não-marcado e trazer o corpo de volta na linguagem*. Trab. Ling. Aplic. n. (60.1): 58-68, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/r7rQrXcSvgQFTx3WNft4Rff/>. Acesso em: 11, novembro, 2023.

NASCIMENTO, Taiane Flôres do; COSTA, Benhur Pinós da. *O terreiro de religiões de matriz africana como espaço marginal e possível à vivência de pessoas travestis*. Caderno Prudentino de Geografia, v. 3, n. 41, p. 25-36, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6431>. Acesso em: 11, novembro, 2023.

NERES, Adonis Batista. *A [de]marcação dos corpos margeados na sala de aula*. (inédito e de circulação restrita ao grupo OBIAH), Goiânia, 2023.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. Parábola Editorial, São Paulo. 2019. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/resenhando/article/view/1637>. Acesso em: 11, novembro, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo (Nêgo Bispo). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu/Piseagrama, 2023.

SEVERO, Cristine Gorski. *O estudo da linguagem em seu contexto social: um diálogo entre Bakhtin e Labov*. D.E.L.T.A., 25:2, 2009. p. 267-283. Disponível: <https://www.scielo.br/j/delta/a/xDcrv7bjd6Z68zQrvsJjfpr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11, novembro, 2023.